

reportagem cultural

‘Eu sou o patrão mais bruto que tive na vida’

Eugenio Bortolon*

Lourenço Cazarré fala ao Jornal do Comércio sobre ler (e escrever sobre) os clássicos, hábitos e exigências da escrita, e a busca do lugar ideal, na palavra e na vida.

Jornal do Comércio - Qual o estilo da sua preferência para escrever? Contos, dramas, romances ou poesias?

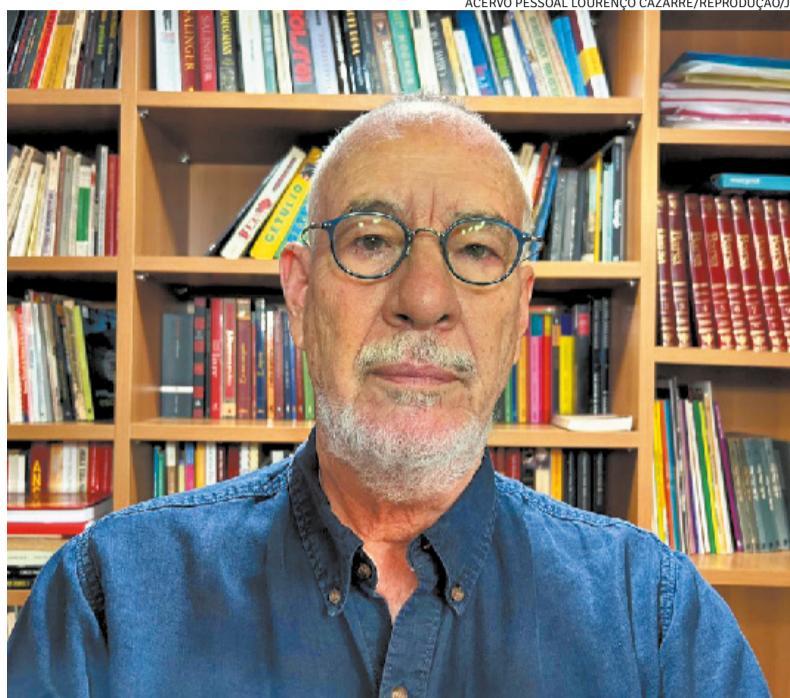
Lourenço Cazarré - Depois de publicar por 45 anos, acho que o terreno que domino melhor é o do conto. Mas tenho algumas novelas juvenis que me deram grande satisfação ao escrevê-las. Romance, a rigor, tenho só *A longa migração do temível tubarão branco*.

JC - Gostas mais de escrever para o público infantil ou adulto, ou isso é indiferente?

Cazarré - Durante uns 30 anos, eu me revezava. Escrevia um juvenil entre obras para adultos. Comecei a escrever livros juvenis em 1985 por convite de um editor gaúcho, Paulo Condini, que trabalhava na editora Atual, em São Paulo. Publiquei mais de 20 livros. Peguei o auge da literatura juvenil, que começa nos anos 1970. Havia uma espécie de mercado cativo para os escritores brasileiros, que eram lidos nas escolas. Vários livros meu tiveram grandes tiragens. Na literatura juvenil eu vivi um profissionalismo que não encontrei na literatura adulta, inclusive por escrever muitos livros de contos, que, quase sempre, têm vendagens pequenas.

JC - O crítico e ensaísta gaúcho André Seffrin diz que Lourenço Cazarré, ao contrário de falsear Machado de Assis e Guimarães Rosa, com muito humor e sarcasmo prefere respirar - e tem fôlego de sobra para isso - ao lado de alguns desses monstros. O que achas dessa afirmação?

Cazarré - Sim, nos últimos 20 anos venho escrevendo livros inspirados em obras dos grandes da literatura brasileira. Comecei com o meu conterrâneo Simões Lopes Neto. Tenho muitos contos livremente inspirados em obras dele. Desses contos o meu predileto é *A coisa mais tremenda que eu já vi*. Passei depois ao Euclides da Cunha. Quando li pela primeira vez *Os sertões*, em 1976, decidi escrever um livro de ficção inspirado naquela guerra. Vargas Llosa me roubou a ideia com a *Guerra do fim do mundo*. Passados alguns, li *Veredicto em Canudos*, do Sandor Mará. Escritor húngaro de primeiríssima, Mará leu *Os sertões* em inglês e se apaixonou pela história.



Lourenço Cazarré: “tenho sempre vários trabalhos em andamento”

Seu livro tem uma heroína, uma irlandesa. Ao ler o *Veredicto*, me veio a ideia de escrever uma novela juvenil, que se passa no sertão baiano, nos anos do Conselheiro. Escrevi então *Amor e guerra em Canudos*, que tem como protagonista uma jovem que é disputada por dois rapazes. Os acontecimentos do livro seguem rigorosamente a ordem dos combates. Acho que *Os sertões* é um livro que figuraria em destaque em qualquer literatura, de qualquer língua. Passei depois ao Graciliano. Quando li que ele havia sofrido uma tocaia, quando prefeito de Palmeira dos Índios, mergulhei na obra dele, que eu já conhecia bem. Escrevi então *O soldado amarelo*, cujo título tirei de *Vidas secas*, o livro de ficção que é o meu preferido entre os livros. Por fim, passei ao Machado de Assis. O livro dele que mais aprecio é *O alienista*, que li no começo dos 1970. Conheço muitíssimo bem os contos dele. Inventei então uma trama: um psiquiatra gaúcho, Simeão Boa Morte (livremente inspirado em Simões Lopes), de Pelotas, escreve um longo texto para denunciar Machado de Assis, que teria roubado dele as histórias

que estão em *O alienista*.

JC - Seffrin diz ainda que Breve Memória de Simeão Boa Morte até Machado de Assis gaiatamente assinaria. Que achas deste elogio?

Cazarré - Um exagero nascido de uma longa amizade. Mas a verdade é que no meu *Simeão Boa Morte* tento ser irônico, galhofeiro e brincalhão, exatamente o Machado. Acho que os machadianos vão se divertir muito ao lê-lo. Lembrando: o personagem do Machado é Simão Bacamarte.

JC - Qual o livro que mais te deu prazer de escrever? Não vale o último!

Cazarré - Cada livro é uma aventura diferente. Entra-se por ela e não se sabe como vai sair. O sujeito pode escrever um livro por dez anos para, ao final, descobrir que ele não merece ser publicado. Vou falar de um livro que me deu muitas alegrias: *Enfeitiçados todos nós*, escrito em 1983, quando morrei no Laranjal, praia da Lagoa dos Patos, em Pelotas. Financiado pelo Prêmio que ganhei na I Bienal Nestlé, em 1982, passei um semestre a escrevê-lo. Recebi o segundo prêmio na II Bienal, atrás do Schlee, meu professor e amigo. Acho que alguns dos meus melhores contos estão ali.

JC - A longa migração do temível tubarão branco e *O soldado Amarelo* são, na opinião de muita gente, teus amigos jornalistas e críticos, dois dos teus melhores livros. Concordas?

Cazarré - Generosidade deles. O que posso dizer do *Tubarão* é que levei vários anos para escrevê-lo. Conta a história de um jornalista, fanático pela profissão, que sofre um enfarte. É um jornalista, digamos, acanalhado, que vai



Cada livro é uma aventura diferente. O sujeito pode escrever um livro por dez anos e, ao final, ver que ele não merece ser publicado

parar numa clínica onde encontra um médico que lhe fica a dever nada em cretinice. *O soldado amarelo* é um policial, também apaixonado pela sua profissão. Eu dei a ele uma linguagem ensaboadas, como a dos políticos, que o personagem conheceu e dominou ao servir como vigilante das galerias de uma assembleia estadual do Nordeste. Gosto de dizer que é um livro sobre a língua brasileira.

JC - Quais os grandes escritores que você mais aprecia?

Cazarré - Mário Quintana dizia que a gente precisa ler até os 40 anos e que, depois disso, só se deve reler os melhores autores. Sigo o exemplo dele, mas só releio, sem parar, os grandes autores que conheci até os 50 anos. Abro duas exceções para anos mais recentes; Sandor Mará e o ucraniano de língua alemã Joseph Roth. Vou alinhar aqui os meus autores prediletos: Borges (espanhol), Lampedusa (italiano), Mériméen (francês), Herman Melville (inglês), Thomas Mann (alemão) e depois uma quadrilha de russos geniais: Gógl, Tolstói, Tchekov e Nabokov.

JC - Fale do roteiro cinematográfico que você escreveu sobre a vida de Simões Lopes Neto.

Cazarré - Na pandemia, fechado em casa, recebi um convite de um filho meu que é formado em jornalismo e cinema na UnB (Universidade Nacional de Brasília), o Érico, para escrevermos um roteiro sobre a vida - e não a obra - do Simões Lopes Neto. Mergulhei então nas três biografias do Simões (Sica Diniz, Carlos Reverbel e Ivette Massot). Nós nos concentrarmos na vida dele, riquíssima de eventos e de aventuras. E de muitos fracassos. Simões meteu-se em dezenas de atividades jornalísticas, culturais e empresariais. Publicamos o roteiro em site, o Pelotas 13 Horas, e ele lá está à espera de um cineasta.

JC - Qual é o número exato de livros que você escreveu? Todos falam em mais de 40 sem precisar o número exatamente.

Cazarré - Eu mesmo tenho dúvida. São 48 ou 49. Mas por quê? Porque eu não sei se o *Simeão Boa Morte*, que teve uma edição no Brasil e outra em Portugal deve ser contado como um só. Inclusive porque na edição brasileira há dois contos que não estão na portuguesa e naquela há um conto que não está na brasileira. Estou esperando o pronunciamento de um amigo especialista em bibliografia.

JC - Moras em Brasília desde 1977, quando tinhas 24 anos. Hoje, estás com 72. Como foi essa passagem de Pelotas

para Brasília?

Cazarré - Comecei a trabalhar em jornalismo em Pelotas, em 1975, quando fui contratado como operador de telex da sucursal da Caldas Júnior. Em 1976, passando por cima de Porto Alegre, me fui para a sucursal da Caldas em Floripa. E fazia também muitos férias para O Estado. Lá, por um ano e meio, trabalhava de segunda a segunda, sem folga. Quando resolvi subir a pirambéira, no final de 1977, havia três cidades onde a profissão era melhor remunerada: São Paulo, Rio e Brasília. São Paulo era grande demais e o Rio estava deixando de ser, pela violência, maravilhoso. Optei então por Brasília, que era ainda uma cidade pacata e pequena. Como em Floripa, também trabalhava feito um condenado, de dia e de noite. Fui redator do Jornal de Brasília por cinco anos enquanto, de dia, trabalhava numa assessoria de imprensa do Nahum Sirotsky. A literatura era feita nos finais de semana e nas madrugadas insônes. Gosto muito de Brasília. É uma cidade que tem um bom clima (para quem consegue suportar uns dois meses de secura). Uma amiga espanhola diz que, em Brasília, vive-se uma eterna primavera. O trânsito daqui, imaginado pelo genial Lúcio Costa, é muitíssimo



Cazarré na redação do Jornal de Brasília